



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DA UEG DE PIRENÓPOLIS
CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

CÉLIA FÁTIMA DE PINA

MUSEU DAS CAVALHADAS:
UM MUSEU CASA

PIRENÓPOLIS
2013

CÉLIA FÁTIMA DE PINA

MUSEU DAS CAVALHADAS:
UM MUSEU CASA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
aprovação no Curso de Tecnologia em
Gestão de Turismo ministrado pela
Universidade Estadual de Goiás — Unidade
Universitária de Pirenópolis.

Orientador: Prof. Dr. João Guilherme da
Trindade Curado.

PIRENÓPOLIS

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PIRENÓPOLIS

Av. Benjamim Constant – Qd 58 – Lt 02 – Centro - Pirenópolis - Goiás
FONE: 62 3331-3505 / FAX: 62 3331-2073

ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE **CÉLIA FÁTIMA DE PINA** - acadêmica do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo. Aos treze dias do mês de novembro do ano de dois mil e treze (2013), na Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Pirenópolis, teve lugar a Banca de avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso com o tema: **“Museu das Cavalhadas: um museu casa”**. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores: Presidente: Prof. Dr. João Guilherme da Trindade Curado. – orientador. Membros: Prof. Esp. Diógenes Alves Stival e Profa. Dra. Tereza Caroline Lôbo. Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo a acadêmica respondido satisfatoriamente. Às 19h40 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo a candidata obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. João Guilherme da Trindade Curado

Ass. João Guilherme da Trindade Curado
Aprovado (X) Reprovado ()

Prof. Esp. Diógenes Alves Stival

Ass. Diógenes Alves Stival
Aprovado (X) Reprovado ()

Profa. Dra. Tereza Caroline Lôbo

Ass. Tereza Caroline Lôbo
Aprovado (X) Reprovado ()

Reaberta a Sessão Pública, o presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, secretário, e pelos membros da Banca Examinadora.

Marcio Alves de Abreu
Marcio Alves de Abreu
Secretário Acadêmico

Selma D'Abadia Oliveira
Selma D'Abadia Oliveira
Diretora Educacional

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para toda minha família, para meus irmãos ex-cavaleiros Luiz Armando Pompeu de Pina (rei dos Mouros) e João Luiz Pompeu de Pina (embaixador dos Mouros).

Dedico ao meu professor e orientador Dr. João Guilherme da T. Curado e também para os demais professores.

Dedico a todos que estiveram comigo, direta ou indiretamente, me ajudando e incentivando nesses três anos de muita luta.

Dedico a minha mãe Maria Eunice Pereira e Pina (*in-memorian*), fundadora do Museu das Cavalhadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado essa oportunidade.

Ao meu pai (*in-memorian*) por ter incentivado meus irmãos na Cavalhada.

A minha mãe (*in-memorian*) por ter deixado este legado cultural, que é o Museu das Cavalcadas.

Ao meu orientador, professor e Dr. João Guilherme T. Curado pela paciência e ajuda nos momentos difíceis.

A minha família por ter acreditado em mim.

Aos meus amigos que sempre me incentivaram.

Aos meus colegas que muito contribuíram para continuar nesta caminhada.

Enfim, a todos que me ajudaram e acreditaram em mim.

Enfim, agradeço a todos que comigo palmilharam pelas estradas não só dos encantos, como nos desencantos da vida (Maria Eunice, 1993)

DA JANELA AZUL

Tudo passa!

As horas, os minutos, os segundos,

Deixando em nós sulcos profundos...

Deixando em nós vestígios de saudades...

Rumo à eternidade!

Maria Eunice,

15/08/1977

RESUMO

O Museu das Cavalhadas foi criado pela iniciativa da poetisa Maria Eunice Pereira e Pina e aberto ao público desde 1976. O Museu recebe turistas nacionais e estrangeiros, estudantes e pesquisadores durante o ano, desde a sua criação até os dias de hoje. A presente pesquisa propõe demonstrar a inclusão cada vez maior do Museu das Cavalhadas em eventos e projetos culturais e acadêmicos, a fim de colaborar para sua divulgação e para o reconhecimento de sua importância; para tanto apresentamos um levantamento da história do Museu das Cavalhadas: um Museu-Casa. O objetivo é reconhecer a valorização e a preservação do Museu das Cavalhadas, que é uma instituição guardiã, educadora e multiplicadora da cultura pirenopolina, visando a inclusão social da comunidade local. Buscou-se, ainda, traçar o perfil dos visitantes, turistas e comunidade local que visitam o Museu das Cavalhadas por meio de análise dos livros de visitas. O Museu das Cavalhadas surgiu a partir da necessidade de apresentar aos pirenopolinos, turistas e estudantes, informações sobre a religiosidade da Festa do Divino Espírito Santo e incentivar os jovens locais para darem continuidade nas atividades de representação dos Cavalheiros Mouros e Cristãos, possibilitando que os moradores locais e visitantes tenham a oportunidade de aprofundar conhecimentos sobre as festividades folclóricas e religiosas, para a conservação da tradicional Festa do Divino Espírito Santo e das Cavalhadas que ocorrem em Pirenópolis. Devido a sua representatividade, em 2006 o Museu das Cavalhadas foi convidado a compor o Cadastro Nacional de Museus, que tem como, função conhecer e mapear a diversidade museológica brasileira. Porém, foi só a partir de 2008 que passou a participar da programação e dos eventos nacionais promovidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

PALAVRAS-CHAVE: Museu das Cavalhadas. Turismo. Pirenópolis

ABSTRACT

The Museum of “Cavalhadas” was created by the poet Maria Eunice Pereira e Pina and it is open to the public since 1976. The Museum receives national and foreign tourists, students and researchers during the year, from its inception to the present day. This study aims to demonstrate the increasing inclusion of the Museum of “Cavalhadas” in events and cultural and academics projects in order to contribute to their dissemination and recognition of its importance and to this proposal, we present a survey of the history of the Museum of “Cavalhadas”: A Home - Museum. The goal is to recognize the appreciation and preservation of “Cavalhadas” Museum, which is a guardian institution, educator and multiplier of Pirenópolis culture, aiming the social inclusion of the local community. We also attempted to trace the profile of visitors, tourists and the local community who visit the Museum of “Cavalhadas” through analysis of guest books. The Museum of “Cavalhadas” arose from the need to present to pirenopolinos, tourists and students, information about the religiosity of the Festival of the Holy Devine Spirit and encourage local youth to give continuity in representational activities of the Knights Moors and Christians, enabling locals residents and visitors to have the opportunity to deepen their knowledge about the folklore and religious festivals, for the preservation of the traditional Festival of the Holy Devine and “Cavalhadas” occurring in Pirenópolis. Due to their representation, the Museum of “Cavalhadas” was invited to join the National Register of Museums in 2006, which function is, to know and map the diversity of Brazilian museums. However, it was only in 2008 that the museum came to participate in the program and national events promoted by the Brazilian Institute of Museums (IBRAM).

KEYWORDS: Museum of Cavalhadas. Tourism. Pirenópolis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Croqui do espaço ocupado e a ser ocupado pelo Museu das Cavalhadas.....	16
Figura 2	Noite de autógrafos de “Devaneios de uma pirenopolina”	20
Figura 3	Croqui do Castelo Medieval que abrigaria o Museu das Cavalhadas.....	22
Figura 4	Antiga casa nº 39 da Rua Direita.....	34
Figura 5	Fachada do Museu das Cavalhadas.....	35
Figura 6	Gráfico de Visitantes no Museu das Cavalhadas: 1992 a 2013.....	41
Figura 7	Gráfico de Visitantes mensais no Museu das Cavalhadas: 2010 a 2012.....	42

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	A HISTÓRIA DO MUSEU DAS CAVALHADAS.....	13
2	MUSEU DAS CAVALHADAS: UM MUSEU CASA.....	24
2.1	MUSEU CASA.....	24
2.2	EXEMPLOS BRASILEIROS DE MUSEUS-CASAS.....	27
3	O MUSEU DAS CAVALHADAS COMO ATRATIVO.....	33
3.1	ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS DO MUSEU DAS CAVALHADAS.....	35
3.2	PESQUISA DE CAMPO NO MUSEU DAS CAVALHADAS.....	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

O Museu das Cavalhadas está localizado no centro histórico de Pirenópolis, estado de Goiás. A criação do Museu das Cavalhadas é uma iniciativa particular, que foi idealizada pela poetisa Maria Eunice Pereira e Pina. O Museu das Cavalhadas é um projeto que visa inserir no resgate de uma cultura popular de suma importância para a memória do povo pirenopolino, e também para preservar a imagem da festa mais tradicional de Pirenópolis: A Festa do Divino Espírito Santo e das Cavalhadas.

As Cavalhadas acontecem a partir do Domingo do Divino (Pentecostes) e representam o ápice da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis. Relembrem as lutas entre Mouros e Cristãos, por meio de torneio equestre ao ar livre, que pela sua beleza cênica acaba por atrair inúmeros visitantes.

De acordo com Barreto (2000) “o papel social dos museus não pode ser dissociado da motivação de seus visitantes, que é, na maior parte dos casos, educação, aquisição de cultura, entretenimento ou divertimento”. Assim, o Museu das Cavalhadas possui um significado especial para as pessoas que visitam Pirenópolis e que procuram saber um pouco mais sobre a história e cultura desta cidade goiana.

A fundadora do Museu das Cavalhadas, sempre preocupada em receber bem os visitantes, escreveu em suas anotações que:

muitas escolas têm visitado o Museu (que vem funcionando em duas salas da casa onde moro com a minha família) e como o espaço é pequeno, as turmas se dividem em pequenos grupos para visita (ficando os demais aguardando a vez, na calçada) não havendo como oferecer uma palestra ou apresentação de vídeo. O espaço ocupado pelo Museu é bem acanhado, dado o seu valor e as possibilidades culturais que ele enseja (PINA, s/d).

Após, o seu falecimento em 2005, eu, uma das filhas de Maria Eunice continuo com o trabalho dela, cuidando do Museu, e encontro a mesma dificuldade em receber as escolas, devido ao pequeno espaço, muitas vezes recebo escolas com cem ou mais alunos, grupos da Terceira Idade, e também outros grupos, sendo que, sempre tenho que dividir os grupos em várias turmas por falta de espaço. Também encontro dificuldade em manter o Museu, porque ele precisa de manutenção, para

isto preciso de verba para conservar o acervo, porque com o tempo ele vai se estragando e a bilheteria é insuficiente.

Portanto, mesmo o espaço sendo pequeno e com toda dificuldade o Museu das Cavalhadas continua com essa missão de receber bem as escolas, excursões e turistas que visitam o museu.

Assim, podemos ainda afirmar que o Museu das Cavalhadas é um museu-casa, porque ele continua funcionando na casa que era residência de sua fundadora é também um mini-museu, porque, é pequeno no tamanho, mas grande em história, sendo que se caracteriza igualmente como um museu aberto de porta fechada, porque está localizado em residência, sem horário fixo de atendimento ao público visitante.

Partindo das premissas de localização espacial e temporal do Museu das Cavalhadas, assim como das diferentes, porém não excludentes definições tipológicas no que se refere à conceituação do Museu, utilizamos enquanto arcabouço metodológico o próprio acervo do Museu das Cavalhadas.

As pesquisas bibliográficas a livros, revistas e busca de artigos científicos sobre museu e suas relações com as atividades turísticas foram imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa, quando focamos ainda termos conceituais como museu-casa, cujo grande suporte foi encontrado na Revista Brasileira de Museus e Museologia (Musas) do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que aborda a temática a partir do fato de que um museu-casa surge após a morte da pessoa que vivia naquela residência. Os debates sobre museu-casa foram feitas também através dos argumentos expostos na Dissertação de Mestrado de Antônio Manuel Torres Ponte, sobre a Casa-Museu em Portugal.

Partindo dos referenciais acima chegamos a um dilema: o Museu das Cavalhadas é um Museu Casa, mesmo antes da morte de sua fundadora, um fato inédito na literatura até então encontrada sobre tal tipologia; mas é ainda um mini-museu e um museu aberto de portas fechadas. Assim, tal empreendimento, vai além das propostas conceituais, uma vez que partindo dos “devaneios de uma pirenopolina” vem marcando importância na manutenção das tradições locais.

Enfim, Maria Eunice Pereira e Pina, minha mãe, antes de ser poetisa, fundadora do Museu das Cavalhadas, Primeira Dama do Município; ela foi esposa, mãe, avó, bisavó e amiga, que viveu intensamente, deixando em grande exemplo de

vida para sua família e para todos que conviveram com ela, direta ou indiretamente. Foi uma guerreira que lutou pelos seus ideais.

O primeiro capítulo deste trabalho foi descrito sobre a história do Museu das Cavalcadas, o segundo capítulo sobre museu-casa e o terceiro capítulo foi o resultado do trabalho realizado no museu através de formulário aplicado, fotos e também sobre o número de visitantes do livro de assinatura.

1 A HISTÓRIA DO MUSEU DAS CAVALHADAS

A história do Museu das Cavalhadas começou desde quando os dois filhos de Maria Eunice Pereira e Pina começaram a participar das Cavalhadas. Luiz Armando Pompeu de Pina, ex-rei dos mouros, começou a participar das Cavalhadas como cavaleiro em 1966, quando tinha apenas quatorze anos de idade; o outro filho, João Luiz Pompeu de Pina, ex-embaixador dos mouros, começou sua participação no ano de 1967, aos 19 anos de idade, eles, inicialmente, eram cavaleiros cristãos e depois de alguns anos de Cavalhadas passaram para o lado, ou castelo, dos mouros.

Porém, a partir da década de 1970, Pirenópolis começou a receber um fluxo maior de turistas, geralmente estudantes da Universidade de Brasília (UnB), jornalistas e também pesquisadores que se deslocavam para a cidade com o intuito de conhecer e de realizar pesquisas sobre a Festa do Divino Espírito Santo e das Cavalhadas.

Naquela época os estudantes da UnB, pesquisadores e jornalistas, inclusive o professor Carlos Rodrigues Brandão¹, iam à casa da poetisa Maria Eunice, para fotografar e entrevistar os seus filhos Luiz Armando e João Luiz em momentos de preparação para as Cavalhadas, pois eles aprontavam no grande quintal que ligava a casa com frente para a Rua Direita ao portão de saída pela Rua Nova.

Porém, desde 1966, quando o cavaleiro Luiz Armando começou a participar das Cavalhadas o seu pai Sebastião Pompeu de Pina Sobrinho (Tãozico - *in-memorian*) sempre ajudava a preparar o cavalo no quintal de sua casa, que hoje é o Museu das Cavalhadas, e ainda contava com a ajuda de seu amigo Augusto, que trançava a crina e pintava o casco do cavalo e também foi pegador de lança durante o tempo em que o cavaleiro Luiz Armando participou das Cavalhadas. E em 1967, quando o cavaleiro João Luiz começou a participar das Cavalhadas o seu pai Tãozico, também o ajudava a preparar o cavalo, mas ele tinha como colaborador o seu amigo Tão Goulão (Sebastião Goulão), que ajudou durante o tempo que o cavaleiro João Luiz participou das Cavalhadas. Mas, contavam com a colaboração de amigos e de parentes que iam para ajudar e para ver os dois irmãos e cavaleiros prepararem para as Cavalhadas, pois, naquela época a Cavalhada estava quase

¹ O pesquisador Carlos Rodrigues Brandão escreveu várias obras sobre a cultura popular goiana tendo Pirenópolis como objeto de pesquisa, sendo a primeira delas “Cavalhadas de Pirenópolis”, publicada em 1974 e que já conta com depoimento de Maria Eunice e seus filhos cavaleiros.

acabando, porque os cavaleiros mais velhos estavam saindo e as pessoas não tinham muito interesse em participar das Cavalhadas, mas, coincidentemente a partir do momento que os dois irmãos Luiz Armando e João Luiz começaram a participar das Cavalhadas, daí começou a despertar o interesse em outras pessoas.

A Interferência da Goiastur. Segundo Curado (1980, p. 93), se materializou, ao dar alguma contribuição financeira para a realização desta festa, tentou, em contrapartida, interferir em sua estrutura já secular, querendo fazer deste evento de cunho religioso, embora cheio de festejos profanos, mais um produto para venda no mercado turístico e para sua auto-promoção.

A criação da Goiastur, de acordo com Silva (2001, p.155), foi em 1972, com o objetivo de desenvolver e articular as políticas voltadas para o desenvolvimento do turismo regional.

Mas foi apenas no ano seguinte, em 1973, que a Goiastur começou a interferir diretamente nas Cavalhadas de Pirenópolis, começando a investir no marketing da Festa com: propaganda na televisão, confecções de cartazes, folders e outros meios de divulgação, geralmente voltados para a divulgação interna em Goiás e também com tímidas inserções na mídia nacional.

Porém, foi a partir desta data que as Cavalhadas tomaram uma dimensão tão grande, delimitando a década de 1970 como o início do apoio institucional na Festa, foi quando as pessoas começaram a vir para Pirenópolis para conhecer e saber um pouco mais sobre as Cavalhadas, momento a partir do qual começaram a vir também os estudantes, pesquisadores e jornalistas. E quando chegaram a Pirenópolis, para fazer as pesquisas tiveram como referência a casa de Maria Eunice, que está localizada na Rua Direita nº 39, no centro da cidade e o mais importante era o fácil acesso.

Pois, além dos visitantes, Maria Eunice, também recebia em sua casa muitos parentes e amigos que iam para ajudar e ver os cavaleiros aprontar para as Cavalhadas, sendo que entre eles estava sua amiga Cirley Motta com sua família que vinham de São Paulo, para prestigiar e ajudar na aprontação do cavaleiro João Luiz.

Por isto, é que a casa de Maria Eunice, era sempre alegre e animada, um vaivém de pessoas, uns entrando e outros saindo, como os estudantes, pesquisadores e jornalistas que iam para tirar fotos e fazer entrevista com os cavaleiros.

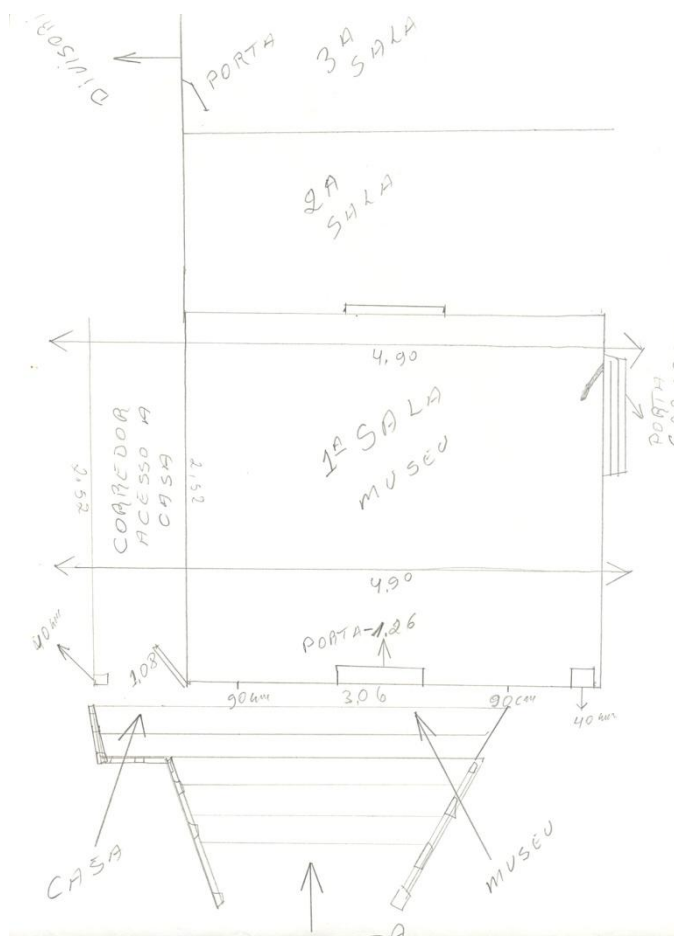
Foi mais ou menos a partir de então que veio a idéia e a vontade de concretizar o antigo sonho por meio do Museu das Cavalhadas, com o objetivo de que as pessoas pudessem saber um pouco mais sobre a Festa do Divino e também sobre as Cavalhadas, não só durante o período da Festa, mas durante todo o transcorrer do ano. Pensando assim, e a partir desta vontade foi que Maria Eunice começou a reunir e guardar as roupas utilizadas nas Cavalhadas e também os objetos que seus filhos não usavam mais, para montar o Museu das Cavalhadas. A poetisa pensou além, e começou a reunir e guardar outros materiais relacionados às Cavalhadas, como os cartazes da Festa do Divino de cada ano; o atual Museu das Cavalhadas possui cartazes desde o elaborado para o ano de 1957, assim como folders, programas da Festa do Divino de diversos anos, revistas, jornais em que saíram algumas reportagens sobre a Festa do Divino, as Cavalhadas e ainda sobre Pirenópolis com outras reportagens que ela achava ser importante guardar. Ela organizava de maneira própria os materiais em pastas temáticas, para facilitar o manuseio, quando necessário.

Porém, com a divulgação das suas iniciativas junto ao círculo familiar e de amizades, algum tempo depois ela começou a receber dos amigos doações de revistas, livros e jornais para aumentar o acervo do incipiente Museu que se abria à comunidade em geral.

Com o passar dos anos conseguiu reunir um significativo material que se tornou o acervo inicial, para tanto ela disponibilizou a sala da frente de sua casa para montar o Museu das Cavalhadas e a partir daí a poetisa Maria Eunice, abriu a porta de sua casa para os visitantes. A sala em questão constitui-se em um espaço independente do restante da casa, o que facilitava a nova destinação daquele cômodo, longe do alcance dos inúmeros netos que passaram a chegar, principalmente em momentos de férias e de festas.

A iniciativa do Museu foi bastante aplaudida e com isso ela começou também a receber doações de outros cavaleiros e ex-cavaleiro, portanto, a “sala da frente” ficou pequena para abrigar também as doações recebidas; assim ela teve que ampliar o Museu, passando a ocupar uma segunda sala, a sala de visitas de sua residência.

Figura 1: Croqui do espaço ocupado e a ser ocupado pelo Museu das Cavalhadas



Fonte: Acervo do Museu das Cavalhadas

No ano de 1992, a poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas, fez uma homenagem para seus filhos Luiz Armando (rei dos mouros) e João Luiz (embaixador dos mouros) e também para o senhor Sebastião Goulão (Tão Goulão) e o ex-cavaleiro João Lopes da Silva (Joãozinho Lopes), que ajudaram seus filhos durante vários anos na preparação dos cavalos e nos ensaios para as Cavalhadas. Nesta homenagem, realizada no Museu das Cavalhadas, a poetisa Maria Eunice ofereceu uma lembrança para cada um dos homenageados: um chaveiro em prata com o símbolo da coroa do Divino, e também ofereceu um pequeno livro que conta a história de seus filhos: Luiz Armando e João Luiz. Para a cerimônia dois filhos do cavaleiro João Luiz, portanto netos da poetisa foram vestidos de cavaleiros dos mouros mirins, uma vez que participavam da cavalhadinha de criança realizada na Vila Matutina. Foram eles quem, junto com a poetisa entregaram as homenagens.

Na época da homenagem a Cavalhadinha estava completando quatro anos, uma vez que ela surgiu oficialmente em 1989, na Vila Matutina (Pirenópolis, Goiás) e

era realizada por ocasião do feriado de Corpus Christi. Foi uma iniciativa de seu filho João Luiz Pompeu de Pina, ex-cavaleiro das Cavalhadas, que começou a ensaiar as crianças de sete a doze anos daquele bairro com cavalinhos de pau, uma verdadeira representação mirim das Cavalhadas. Porém, os dois filhos de João Luiz Pompeu de Pina: Luiz Eduardo e Divino Augusto deixaram de participar da Cavalhadinha depois que completaram doze anos de idade, porque, há um limite de idade para poder participar da Cavalhadinha.

Portanto, em 1991, o Jornal Nova Era, em seu número 11, fala sobre a Cavalhada Mirim que mostra a preocupação dos mais velhos em manter uma tradição secular, a luta entre Mouros e Cristãos, e transfere para as crianças todos os lances deste grande acontecimento da cidade.

De acordo com o Jornal Nova Era (1991, nº 11), os cavaleiros mirins, Mouros e Cristãos, montados em seus cavalos de pau, ornamentados à semelhança da tradicional festa, durante três dias se apresentaram para um numeroso público que aplaudia suas crianças no momento de representação das lutas e dos tradicionais jogos de confraternização. É desta forma que se mantém a cultura de um povo, pelo incentivo aos mais jovens.

Segundo Silva (2004, p. 322), as Cavalhadinhas são a encenação infantil das Cavalhadas e eram primeiramente realizadas nos bairros, da cidade de Pirenópolis, em Goiás, pelas crianças. Em 1960, as Cavalhadinhas foram encenadas no Largo do Asilo, no feriado de Corpus Christi, e assim passaram a ser encenadas todos os anos, depois de dez dias das Cavalhadas. João Luiz Pompeu de Pina passou a ensinar as crianças como fazia na sua juventude. Em 1989, toda a população estava envolvida e tornando-se um evento turístico no calendário da cidade.

Então, desde a primeira Cavalhadinha que foi apresentada em 1989, a poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas, Maria Eunice, confeccionava as rosas de papel crepom, formava buque de flores e no domingo, que é o terceiro dia da Cavalhadinha, e em que tem a troca do buque, a poetisa Maria Eunice levava os buquês para ofertar e incentivar os cavaleirinhos, para que continuassem com a festa; portanto, foram quinze anos de participação da poetisa, desde a criação da Cavalhadinha em 1989 até o ano de 2004, que marca a última participação de Maria Eunice naquele evento.

Sendo que, desde criança o ex-embaixador dos mouros João Luiz Pompeu de Pina, juntamente com seus irmãos e amigos já corriam de Cavalhadinha no quintal

da casa da Rua Direita onde moravam e que hoje é a sede do Museu das Cavalhadas.

Mas, antes da homenagem de seus dois filhos, em 1987, a poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas, Maria Eunice, ofereceu sua casa, que já tinha tido uma parte transformada e dedicada ao Museu das Cavalhadas, para sua prima Ita Pereira, que é pintora e também escritora para o lançamento do livro por ela publicado: “Estória do Comendador Joaquim Alves (na Fazenda Babilônia)” que é um pequeno romance narrado no estilo da poesia de cordel.

Depois de alguns anos, em 1994, Maria Eunice Pereira e Pina fundou a Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música – APLAM –, porém, como inicialmente a Academia de Letras não tinha uma sede própria as reuniões eram realizadas no interior do Museu das Cavalhadas, que também já poderia ser considerado um museu-casa, pois sua idealizadora ali residia entre objetos pessoais e o acervo do Museu.

A partir da década de 1990, Pirenópolis, entrou em uma nova fase, mais voltada para a melhoria do turismo, quando foram realizados grandes empreendimentos, inclusive, com a inauguração da Pousada dos Pireneus, que aconteceu na gestão administrativa do prefeito Luiz Armando Pompeu de Pina (ex-cavaleiro dos mouros, e filho da poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas) que muito incentivou e apoiou a proprietária Mércia Crema, para a implantação daquele significativo empreendimento turístico que vinha sanar algumas deficiências no que se refere ao ato de se hospedar na cidade de Pirenópolis.

Segundo Galli (2005), a história da Hotelaria em Pirenópolis começou desde o século XIX, com o Comendador Joaquim Alves de Oliveira, que hospedava em sua residência ou no Engenho São Joaquim (Babilônia) as autoridades mais importantes da província ou que por ela passavam, ou ainda os pesquisadores europeus, entre os quais o médico austríaco John Emmanuel Pohl e o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, ambos em 1819.

Mas, com o passar dos anos em 1952, Joanito Jayme, abriu as portas da Pensão do Padre Rosa, na Rua Aurora, em que ele alugava cinco quartos e fornecia refeições, mas com a sua morte em 1976, seu filho continuou por algum tempo apenas com o restaurante, e depois fechou as portas da renomada Pensão do Padre Rosa (GALLI, 2005, p. 98).

Assim, na década de 1970 Pirenópolis, só contava com o Hotel Rex, e devido a deficiência da rede hoteleira da cidade os turistas que vinham para a Festa do Divino Espírito Santo ficavam acampados na beira do Rio das Almas, próximos à ponte que liga a cidade ao bairro do Carmo.

Devido à grande demanda no setor de hospedagem, na década de 1980, foram construídos mais dois hotéis: Hotel Quinta Santa Bárbara e a Pousada das Cavalhadas. Mas o grande empreendimento teve início em 1991, que foi a construção da Pousada dos Pireneus, com uma estrutura bastante diferenciada e com o objetivo de receber grandes eventos e abrigar número significativo de hóspedes.

Alguns tempos depois foram surgindo outros empreendimentos ligados aos meios de hospedagem, como o Pousado do São Vigário, a Pousada Walkeriana e a Pousada Matutina Meiapontense dentre outros, e desta maneira Pirenópolis passou a ter condição de melhor receber o significativo fluxo de turistas.

Nesta mesma época, a década de 1990, circulava o “Jornal Nova Era”, que era um jornal cultural, que sempre dava destaque para matérias relacionadas às transformações ocorridas nas atividades turísticas em Pirenópolis.

A título de exemplificação, em 1993, no Editorial do Jornal Nova Era nº 18, fala-se sobre a preocupação da administração municipal com o turismo durante o Carnaval, devido à proximidade com as capitais: Goiânia e Brasília, e que seriam tomadas algumas medidas como a decisão de proibir o acampamento na beira do Rio das Almas para proteger o meio ambiente e o patrimônio histórico.

Segundo Jornal Nova Era nº 18 de 1993, basta registrar a preocupação da administração municipal com a presença anunciada de mais de quatro mil pessoas que por aqui passarão durante o carnaval. Com elas provavelmente, mais de cinquenta ônibus e incontáveis números de automóveis particulares.

Ainda de acordo com o Jornal Nova Era, (1993, nº 18) a preocupação é tão grande que os jornais de Brasília e Goiânia estão alertando sobre as medidas que serão tomadas para evitar a destruição dos bens tombados e do meio ambiente.

O Jornal Nova Era foi o jornal que mais tempo circulou em Pirenópolis, foram nove anos, sendo que durante todo aquele tempo a função de diretora foi exercida pela poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas, que promovia as reuniões de pauta do Jornal Nova Era em sua casa que também já era um museu-casa, onde os

colaboradores entregavam as notícias e que também era comercializada as edições do Jornal.

Na edição do Jornal Nova Era, nº 20, de 1993, saiu uma nota sobre o Museu das Cavalhadas, onde a poetisa Maria Eunice estava autografando seu livro “Devaneios de uma Pirenopolina”, em que ela expressava, ainda, sobre a intenção em preservar o material que foi usado pelos cavaleiros e doado para o Museu das Cavalhadas, tornando assim, mais público suas atividades: intelectual e preservacionista da cultura local.

Figura 2: Noite de autógrafos de “Devaneios de uma pirenopolina”



Fonte: Acervo do Museu das Cavalhadas

Consequentemente ao aumento do turismo na cidade de Pirenópolis, o Museu das Cavalhadas, passou a receber um número maior de turista de vários lugares do Brasil e do exterior, como é o caso do paisagista Roberto Burle Marx, que esteve em Pirenópolis, em 1986, para conhecer a Serra dos Pireneus, e também foi visitar o Museu das Cavalhadas, sendo que não tem nenhum registro que comprova a sua visita no Museu, porque o livro de visitação foi aberto a partir de 1992, e a partir daí o Museu das Cavalhadas começou registrar a visita dos turistas de vários países, como: Canadá, Inglaterra, Rússia, Espanha, Estados Unidos da América, Holanda, Nova Zelândia, Costa do Marfim, África do Sul, Polônia, Turquia e outros, e

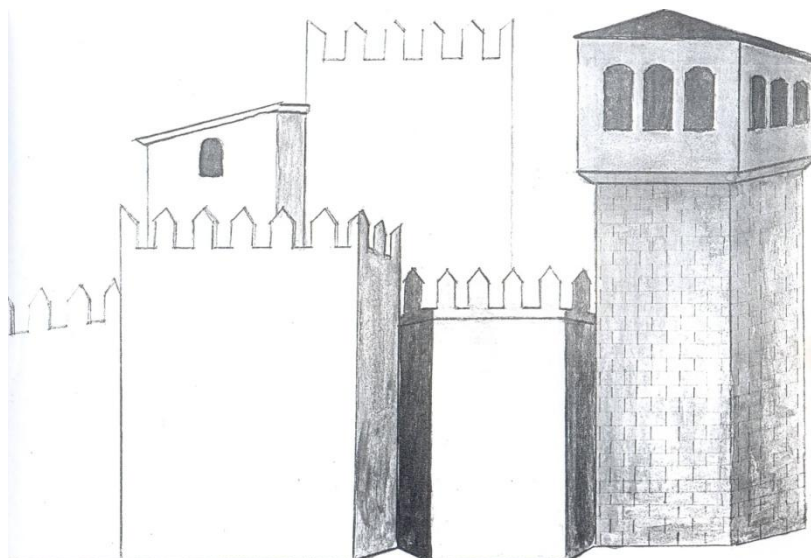
também recebeu Faceline Brange e Odette Chabreyrie, da Embaixada da França; dentre outras pessoas de destaque em várias áreas.

No entanto, vale a pena ressaltar que o Museu foi tomando uma grande dimensão, fazendo com que a poetisa Maria Eunice percebesse que ele precisava de um espaço maior para abrigar o crescente acervo, por isto, em 1994, a poetisa escreveu uma carta para o jornalista Roberto Marinho, da Rede Globo, e outra para a Embaixada de Portugal e ainda uma terceira para a Embaixada da Espanha, pedindo ajuda, a título de patrocínio, para comprar uma outra casa para nela então instalar o Museu das Cavalhadas, uma vez que o Museu estava montado em duas salas de sua casa e o espaço era pequeno para abrigar o acervo. Tempo depois obteve as respostas com observações dos destinatários de que não tinham condição de ajudá-la por se tratar de um “Museu particular”.

Mas, isso não esmoreceu a poetisa Maria Eunice, porque o sonho dela era adquirir uma casa antiga, também no Centro Histórico de Pirenópolis, ou construir um castelo para nele instalar o Museu das Cavalhadas. Pensando no seu projeto, ela pediu para várias pessoas da família para elaborarem o desenho de um castelo, e também uma planta para complementação de sua casa para poder ampliar mais o Museu das Cavalhadas, como, por exemplo, fechando o alpendre e a garagem, ou aumentando a casa até o muro da frente, com o intuito de melhor expor as indumentárias dos cavaleiros.

As indumentárias são as vestimentas dos Cavaleiros Mouros (vermelho) e Cristãos (azul), que compõem: blusa, calça, capa, murça, peiteira ou armadura, capacete ou chapéu, bota e outros acessórios. As vestimentas do cavalo são: arreio coberto com a manta, cachaceira, rabeira, peitoral com guizos e são muito enfeitados com flores de papel crepom.

Figura 3: Croqui do Castelo Medieval que abrigaria o Museu das Cavalhadas



Fonte: Acervo do Museu das Cavalhadas

Mas como o sonho dela não realizava, ela continuou com o Museu das Cavalhadas, nas duas salas de sua casa, porque não tinha condições financeiras e nem de saúde para poder fazer a reforma ou construção.

Como não conseguia realizar nenhuma das opções: adquirir uma outra casa, construir um castelo ou reformar sua residência, não esmoreceu, continuou ampliando o acervo e o apresentando aos visitantes em sua própria casa, que acabou virando um museu-casa.

Mas, mesmo o espaço sendo pequeno, quase podendo ser caracterizado como um mini museu, ou um museu-casa, pelo fato de estar instalado na casa-residência da poetisa Eunice, ela continuou recebendo diversos visitantes como o carnavalesco Joãozinho Trinta, responsável pelo samba enredo Aquarela do Brasil - Ano 2.000, enredo defendido pela Escola de Samba Viradouros, do Rio de Janeiro, que fez uma homenagem ao Centro Oeste, em 1996. Porém, no livro de assinatura não consta a assinatura do Joãozinho Trinta, porque não é todo visitante que assina o livro.

Em 2001 outra Escola de Samba, a Caprichosos de Pilares levou Goiás para a Sapucaí, com o enredo Goiás, um sonho de amor no coração do Brasil, destacando em sua letra referências diretas às Cavalhadas de Pirenópolis:

Esse amor é o meu destino
Salve a festa do Divino

Na Cavallhada, a luta do bem contra o mal
Apaixonado eu brinquei seu carnaval
Goiás....
Dos grãos e das flores
Poemas e amores
Sertaneja canção

(www.letras.azmusica.com.br)

2 MUSEU DAS CAVALHADAS: UM MUSEU CASA

Neste segundo capítulo abordaremos, metodologicamente, sobre a concepção de um Museu Casa, para tanto exemplificaremos, recorrendo à bibliografia existente e a exemplos brasileiros, de várias Unidades Federativas, buscando sempre que possíveis identificações com o Museu das Cavalhadas, que apresenta como característica peculiar a sua fundação ainda durante a vida da poetisa Maria Eunice Pereira e Pina.

2.1 MUSEU CASA

O Museu das Cavalhadas é um espaço em que se guarda cultura, história, tradição, memórias, lembranças, guarda aspectos da vida e também da morte, alegrias e tristezas, assim como coisas antigas e coisas novas. Guarda referências à família e suas histórias e guarda o tempo por meio do passado, do presente e também guarda os sonhos. Assim, o Museu das Cavalhadas é um museu-casa ao apresentar todas as características acima mencionadas e por ter, ainda a função de preservar e divulgar a cultura de uma comunidade, como a pirenopolina, sendo ainda um centro de informação.

De acordo com Rangel, um museu guarda o passado segundo o que lhe informaram algumas pessoas; para outros, é um lugar de coisa velha, sem vida, cuja importância está em preservar uma memória que teria se perdido (2007, p. 80) e que precisa de representação material para que seja lembrada.

Há concordância então de que a memória nunca se perde, principalmente se estiver trabalhando e divulgando a história viva de um personagem, mesmo que seja o passado no presente, porque a memória está em cada espaço e em cada objeto de um museu-casa para ser exposto e também para ser uma fonte de informação. Como, por exemplo, é o caso do Museu das Cavalhadas, em que a memória da poetisa e das cavalhadas não se perdeu; pelo contrário, continua viva e sendo transmitida para os inúmeros visitantes que buscam ali conhecimentos ao visitarem Pirenópolis.

Mas, uma casa de lembrança, segundo Vieira nos relata, reúne fragmentos diversos que valorizam o espaço destinado à visita, assim como as vivências e

as experiências coletivas do local, propondo ainda uma memória projetada de acordo com as experiências de vida, tão diferentes, dos viventes e dos visitantes, mas que está ligada por certo fio condutor que perpassa a memória contida no Museu Casa (2007).

A criação do Museu das Cavalhadas seguiu as premissas mencionadas acima por Vieira (2007), uma vez que sua fundadora era mãe de dois cavaleiros, que participaram das Cavalhadas por um quarto de século cada um, acumulando ao longo deste período incontáveis objetos que foram utilizados nas apresentações das Cavalhadas, e que colaboram para contar um pouco da história de vida que acontecia na casa e na família, por meio da reunião de objetos como as indumentárias que contam parte da história das Cavalhadas. Portanto, o Museu das Cavalhadas é a materialização de um espaço que possuiu toda uma vivência e experiência de vida ligada à memória de quem participou ativamente, por um tempo, das Cavalhadas.

Ainda sobre o Museu Casa, Ponte nos lembra que “a memória pessoal refletida no espaço privado, transforma-se em memória coletiva, pois o espaço pessoal torna-se espaço público, procurando por quem pretende chegar ao íntimo de uma certa personalidade” (2007, p. 26). Para nós, a personalidade em questão é a fundadora do Museu das Cavalhadas, que fez de sua casa, uma moradia familiar, portanto particular, um espaço também com a funcionalidade pública ao abri-la para visitação, quando as pessoas vão conhecer e saber sobre a história das Cavalhadas e acabam por conhecer um pouco da história da poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas, transformando assim, a memória que era familiar em memória coletiva.

Também sobre este tipo de museu, concordamos que

o museu-casa deverá refletir a vivência de determinada pessoa que, de alguma forma, se distinguiu dos seus contemporâneos, devendo este espaço preservar o mais fielmente possível, a forma original da casa, os objetos e o ambiente em que o patrono viveu (PINNA, 2001, p. 4).

O Museu das Cavalhadas, que também é um museu-casa, procura manter e preservar tanto a casa, quanto os objetos do Museu, da mesma maneira em que a poetisa e fundadora os deixou; visando assim a maior originalidade possível, por meio da preservação da memória e da história contada e organizada de acordo com

a perspectiva da própria fundadora, visando despertar ainda mais o interesse das pessoas que visitam o Museu das Cavalcadas.

Outros pontos que colaboram para explicar um Museu Casa e que vão de encontro com o realizado por Maria Eunice ao fundar o Museu das Cavalcadas é que

este domínio privado, onde existe memória de quem lá habitou e organizou de acordo com o seu gosto e modo de vida, é aquilo que se deve refletir numa casa-museu, quando o imóvel se relaciona com uma pessoa ou acontecimento que justifiquem a sua musealização” (PONTE, 2007, p. 24).

Destacamos que o Museu das Cavalcadas reflete a vivência da família de sua fundadora, pois foi ali que ela morou durante 59 anos, convivendo com o Museu das Cavalcadas durante quase 30 anos. O Museu das Cavalcadas como mencionado anteriormente foi por ela montado e organizado, levando em consideração o seu gosto, a visão de museu que tinha e também a condição financeira e ainda o pouco espaço disponível, uma vez que disponibilizou duas salas de sua casa para o Museu das Cavalcadas.

De acordo com Ponte,

as casas só passam a ser casas-museu quando a função museológica é de fato aplicada, e quando começam a verificar alterações na forma como o imóvel é tratado, no momento em que se começa a ter preocupações ao nível da exposição, conservação, estudo das coleções e de outra documentação de interesse museológico (2007, p.23).

Desde o início Maria Eunice planejou uma dinâmica de exposição do acervo do Museu das Cavalcadas; mas a função museológica com preocupação e conversação do seu acervo, foi pensado bem posteriormente, com a busca de patrocinadores como a Petrobrás, por meio do Projeto Memorial das Cavalcadas (PRONAC 069688), cuja finalidade foi desenvolver um projeto com o objetivo de reunir, organizar e recuperar o acervo documental e bibliográfico do Museu das Cavalcadas, com o intuito de que o Museu-Casa fundado pela poetisa Maria Eunice se tornasse um centro de referências no que tange a preservação da memória das Cavalcadas (MELO, TELES, 2008).

É fundamental que se leve em consideração, conforme nos lembra Ponte (2007), que é importante valorizar a visão que muitos fundadores tiveram ao instituir uma casa-museu dando-lhe sustentabilidade ainda em vida, ao mesmo tempo em

que deixaram como preocupação mecanismos que possibilitassem o equilíbrio financeiro da sua casa-museu, mesmo que para isso se vissem obrigados a entregar seu projeto de vida a instituições ou entidades outras que se tornassem responsáveis pela sua preservação e viabilidade do Museu-Casa em questão.

Por iniciativa própria a fundadora do Museu das Cavalhadas, preocupada em preservar o acervo e a manutenção do Museu das Cavalhadas, tentou conseguir apoio para comprar outra casa para abrigar o Museu, através de cartas enviadas para o fundador da Rede Globo Roberto Marinho, para a Embaixada de Portugal e também para a Embaixada da Espanha, mas, como ela não conseguiu ajuda o Museu das Cavalhadas continuou na sua própria casa.

Pontes (2007), aponta ainda para o fato de que:

quando a casa-museu é organizada após a morte do seu patrono, algumas situações podem ser observadas: o museólogo pode transformar a casa numa casa-museu, respeitando a integridade doméstica, assim como a forma de vida do patrono. Pois, isto só poderá ser feito quando existe uma casa com uma organização bem definida, devidamente salvaguarda e documentada (2007, p.10).

Considerando que o Museu das Cavalhadas surgiu não após a morte de sua fundadora, mas durante a vida da mesma, sendo que ela morou na mesma casa junto com o Museu das Cavalhadas por significativo tempo, há de se considerar que ocorreu toda uma organização, documentação e catalogação dos bens que compõe o acervo. Após o falecimento da fundadora, os cuidados dispensados ao Museu das Cavalhadas continuam com uma de suas filhas, que busca manter a mesma dinâmica de antes, mesmo incorporando novos elementos aos bens expostos, ou na guarda de documentos e outros elementos que passaram a compor o acervo.

2.2 EXEMPLOS BRASILEIROS DE MUSEUS-CASAS

A constituição de um espaço de memória referente a um determinado personagem toma características diferenciais quando é implantado no espaço de moradia da *persona* em questão, o que acaba por definir uma categoria de centro de memórias como Museu-Casa, que como explica Rangel (2007), ocorre “em função da ausência física do seu objeto mais proeminente, ou seja, o personagem que lhe

dá sentido, o anfitrião do espaço. Pois, na realidade, esse tipo de museu nasce a partir da morte” (p. 81). Foi assim que aconteceu na maioria das vezes, como nos remete o caso do Museu-Casa de Rui Barbosa e de outros Museus, que surgiram após a morte do personagem.

A menção ao Museu-Casa de Rui Barbosa, que foi aberto ao público em 13 de agosto de 1930, constitui-se como um marco, pois é considerado o primeiro museu-casa do país, conforme indica uma publicação:

a casa de Rui Barbosa está localizada na Rua São Clemente, 134 – Botafogo, Rio de Janeiro. Sendo que, ele viveu nesta casa desde 1895 a 1923, e após a sua morte em 1924, sua esposa vendeu a propriedade ao governo brasileiro que, em seguida, transformou o local no Museu-Casa de Rui Barbosa, cujo principal objetivo era de preservar a memória deste importante personagem da nossa história, pois ele era advogado, político e jornalista (www.cultura.mg.gov.br).

Um grande destaque para os debates acerca dos museus-casas foi a promoção, via Fundação Museu-Casa Rui Barbosa, em 2010, do 3º Encontro Luso Brasileiro de Museus-Casas em comemoração aos 80 anos da inauguração deste espaço cultural, que é considerado excelência em sua área no Rio de Janeiro.

Outro Museu-Casa, que surgiu após a morte foi de Guimarães Rosa, que está localizado na Rua Padre João, na cidade de Cordisburgo, Minas Gerais.

A casa de Guimarães Rosa é de arquitetura modesta, construída em fins do século XIX, e está vinculada à Superintendência de Museus e Artes Visuais/Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, e foi idealizado no contexto de dois acontecimentos: o falecimento repentino de Guimarães Rosa em 1967, e a criação do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico de Minas Gerais.

O Museu-Casa Guimarães Rosa foi inaugurado em 30 de março de 1974, onde Guimarães Rosa nasceu e passou sua infância em Cordisburgo, e possui uma coleção de aproximadamente 700 documentos textuais. Na década de 1980, o Museu passou por uma reforma (www.cultura.mg.gov.br).

O Museu-Casa de Candido Portinari está localizado na cidade de Brodowski, São Paulo, foi inaugurado no dia 14 de março de 1970, após a sua morte que foi em 1962. Portanto, o Museu-Casa foi instalado na casa onde Cândido Portinari morou durante sua infância e juventude.

O Museu-Casa de Candido Portinari é uma instituição da Secretaria de Estado da Cultura que representa o marco concreto do vínculo do artista com sua

terra natal. O acervo artístico do Museu-Casa de Portinari constitui-se de trabalhos realizados pelo artista em pintura mural, nas técnicas de afresco e têmpera, sendo que, o museu também abriga objetos de uso pessoal, mobiliário e utensílios da família (www.acamportinari.org/acm.portinari).

Outro Museu que também é Museu-Casa é de Pedro Ludovico Teixeira, que está localizado na antiga Rua 26, que atualmente é denominada como Dona Gersina Borges, que fica no centro da cidade de Goiânia.

A casa de Pedro Ludovico Teixeira foi construída em 1937, em estilo Art-Déco, sendo que, ela também faz parte da história do povo goiano, porque, foi Pedro Ludovico Teixeira que fundou Goiânia, a Capital de Goiás. Em 1987 a casa que pertenceu a Pedro Ludovico Teixeira foi tombada pelo Patrimônio Histórico Estadual e foi transformada em Museu-Casa. O Museu-Casa de Pedro Ludovico Teixeira tem um acervo que está distribuído por toda residência, que constitui um total de mil oitocentos e trinta e seis peças, que são porcelanas, mobiliário, vestuário, cristais e objetos de uso pessoal.

O Museu-Casa de Pedro Ludovico contém uma biblioteca com dois mil livros e oitocentos documentos datados dos anos de 1920 a 1970, e também conta com outra biblioteca, a Antônio Borges Teixeira com seus duzentos e setenta e oito livros que contam a história de Goiânia e do Estado; assim o espaço permite a historiadores, estudantes, pesquisadores e jornalistas fazer uma incursão nas décadas passadas (www.goiania.go.gov.br).

Porém, de acordo com Ponte (2007), os Museus-Casas são instituições que devem, teoricamente, preservar as memórias materiais e imateriais, homenageando personalidades e evocando acontecimentos, e também zelar pela sua conservação, no sentido de permitirem o acesso das gerações do presente a esses patrimônios e, que as gerações futuras possam fruir o que de melhor se produziu no âmbito da criação humana ao longo dos tempos (2007, p.36)

Há de se considerar que dentre os quatro Museus-Casa citados surgiram após a morte dos personagens, sendo que, nenhum deles é particular, pois, fazem parte de alguma instituição, mas mesmo assim, eles guardam a memória, a história e a vivência de cada um dos seus personagens.

Sendo que, o Museu das Cavalhadas, que também é um Museu-Casa é diferente dos Museus-Casa citados, porque ele é um Museu particular e não faz parte de nenhuma instituição, portanto, ele também é diferente porque foi fundado

em vida e não após a morte, pois, ele guarda a memória e a história das Cavalhadas, e também guarda a memória, a história e a vivência da poetisa Maria Eunice, fundadora do Museu das Cavalhadas.

De acordo com Ponte, no âmbito da museologia, o processo de criação de Casas-Museu onde, muitas vezes, são tidas mais em conta as razões de ordem pessoal do que patrimonial, pois, a questão custo-benefício nem sempre é tomada em linha de conta (2007, p.36), como é o caso dos Museus-Casa: o Museu do Pontal e o Museu de Xilogravura, onde é mais pessoal do que patrimonial.

A coleção do Museu do Pontal é composta por cerca de oito mil peças, sendo que, conta com o trabalho de duzentos artistas brasileiros e que foram reunidas pelo francês Jacques Van de Beuque, resultado de quarenta anos de pesquisas e viagens por todo o país (1922- 2000), e responsável também pela construção do Museu, iniciada em 1976. Vale ressaltar que o acervo e a edificação foram tombados em 1991 e constituem um patrimônio de interesse público e conta com a certificação da UNESCO.

Atualmente, o Museu-Casa do Pontal conta com o patrocínio institucional do Vale do Rio Doce, Petrobrás, BNDES e Ministério da Cultura, com apoio institucional da Light e a parceria da UNESCO e do Instituto Brasileiro de Museu (IBRAM). (www.cultura.rj.gov.br).

O Museu de Xilogravura está instalado em um prédio construído em 1928, sendo que, o prédio abrigou o Mosteiro de São João, as freiras beneditinas e, atualmente, é a sede da Editora Mantiqueira, sendo que, o lucro da Editora é aplicado na manutenção do Museu.

O Museu-Casa da Xilogravura coleciona e preserva Xilogravura, que são gravuras feitas por meio da impressão sobre papel ou de uma matriz entalhada em madeira, e atualmente, conta com milhares de obras de mais de quatrocentos xilógrafos. Foi fundado em 1987, por Antônio F. Costella, sendo que, é Diretor Geral, artista plástico, e dedicou à pintura e a xilogravura, sendo que, ele exerce a função de diretor geral do Museu de Xilogravura até os dias de hoje (www.casadxilogravura.com.br).

O Museu das Cavalhadas é diferente dos outros Museus citados, porque a poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas Maria Eunice, morava na mesma casa junto com o Museu, e mesmo depois que já estava doente ela continuou

residindo na mesma localidade, abdicando de seu conforto para deixar lugar para o Museu das Cavalhadas, porque o Museu já ocupava duas salas de sua casa.

Para analisar a realidade das Casas-Museu, foram feitos estudos científicos, visitas e inquéritos para mostrar que estas instituições retratam o cotidiano da pessoa homenageada, conforme instruiu Ponte (2007), levando em consideração que a coleção da Casa-Museu é o conjunto dos objetos domésticos existente em qualquer habitação, mas que estão ligados ao gosto pessoal da pessoa, como as peças de arte decorativas, sendo possível determinar acervos mais ou menos valiosos, de acordo com o gosto, interesse e situação financeira do patrono (PONTE, 2007).

Percebeu-se, no entanto, que o Museu das Cavalhadas mostra uma realidade diferente de outros Museus-Casa, porque ele retrata a história das Cavalhadas, com as indumentárias dos cavaleiros, que são peças de arte para enfeitar os cavaleiros e os cavalos, com as vestimentas bordadas e bem coloridas, também é possível determinar objetos mais ou menos valiosos, de acordo com o gosto e situação financeira de cada cavaleiro.

Atualmente o Museu das Cavalhadas está ocupando quatro cômodos da casa que pertenceu à poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas. Sendo que duas salas estão ocupadas com as indumentárias e objetos que pertenceram aos cavaleiros; o quarto que fica na parte da frente da casa está instalado o Centro de Documentação, que é o Memorial das Cavalhadas e o outro quarto está o Memorial que é dedicado a Maria Eunice, fundadora do Museu das Cavalhadas, com seus pertences, como os objetos pessoais, fotos, poesia e demais objetos.

Ainda de acordo com Ponte (2007), os responsáveis pela Casa-Museu devem procurar garantir fundos que lhes permitam desenvolver uma atividade, geradora de fatores de divulgação e valorização da unidade museológica. Sendo que, o plano museológico deve estabelecer as principais linhas de gestão da instituição, as suas principais fontes de financiamento e a forma como a instituição será gerida ao longo do seu processo de existência. Para isto, é preciso estabelecer os valores da bilheteria que vai ser usada e a sua atualização ao longo dos anos, precisa também montar uma loja e uma cafeteria dentro do museu, saber ainda como se procederá à procura de mecenato cultural, os encargos com restauro, consumos energéticos, com os meios de comunicação, promoção e divulgação (2007, p. 37).

Quem ficou responsável pelo Museu das Cavalcadas, é Célia Fátima de Pina, filha da poetisa Maria Eunice e fundadora do Museu das Cavalcadas, sendo que ela está procurando desenvolver atividades para divulgar e valorizar o Museu, participando da programação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

3 O MUSEU DAS CAVALHADAS COMO ATRATIVO

O Museu das Cavalhadas não tem nenhuma fonte de financiamento que possa gerir seu processo de existência, para isto, o Museu está à procura de um patrocinador cultural, para os encargos com a restauração das indumentárias e dos objetos que fazem parte do acervo do Museu. Pois, a única fonte de renda do Museu das Cavalhadas é o ingresso da bilheteria que é um valor simbólico, sendo, dois reais por pessoa e um real por aluno e quando for grupo também é um real, pois, este valor está deste a época da poetisa Maria Eunice, e fundadora do Museu das Cavalhadas.

A administração atual do Museu das Cavalhadas também está preocupada em ampliar o espaço do Museu, para poder expor mais as indumentárias e todo o seu acervo e ainda poder montar uma loja de artesanato com os temas da festa do Divino Espírito Santo e também das Cavalhadas.

Assim, os museus-casa são instituições que devem preservar as memórias materiais e imateriais, homenageando personalidades e zelar pela sua conservação, no sentido de permitirem o acesso das gerações do presente a esses patrimônios e também para as gerações futuras para que possam usufruir o que de melhor se produziu (PONTE, 2007, p. 36).

O Museu das Cavalhadas que também é um Museu-Casa é uma instituição que preserva as memórias materiais que são as indumentárias e os objetos que pertenceram aos cavaleiros e também preserva às memórias imateriais, que são as histórias da festa do Divino Espírito Santo e das Cavalhadas.

Segundo Ponte (2007), a classificação de museus-casa é complexa e ainda muito discutida. Pois, surgem vários conceitos, um atribuindo maior importância ao edifício, outros ao ambiente ou a coleção. Ainda de acordo com a referida autora uma Casa-Museu pode ser simultaneamente, uma casa histórica, mas sendo histórica não significa que seja museu (2007, p.22).

Destacamos que a casa que abriga o Museu das Cavalhadas não é uma casa histórica, mas, ela tem a sua história. A edificação está localizada na Rua Direita, nº 39, Centro, na cidade de Pirenópolis, Goiás.

Antes de ser construída a casa que hoje abriga o Museu das Cavalhadas, havia uma casa no estilo colonial do século XVIII, que pertencera a José Manuel Alves de Oliveira que era filho ilegítimo do Comendador Joaquim Alves de Oliveira.

Em 1868, o Padre José Joaquim do Nascimento (Vigarinho), comprou a casa que pertenceu a Agostinho Mendes Ferreira, pois, esta teve vários donos, e, em 1892, a mesma foi vendida para as irmãs Cristina e Ana de Seu Vigário, pois, elas foram criadas pelo padre.

Mas, com o passar do tempo a casa foi demolida e em 1946, Sebastião Pompeu de Pina Sobrinho, comprou o lote e logo depois construiu uma casa bonita e a mais moderna da Rua Direita, segundo o historiador Jarbas Jayme e seu filho José Sizenando Jaime (2003, p. 159).

Figura 4: Antiga casa nº 39 da Rua Direita



Fonte: Acervo do Museu das Cavalhadas.

Com o passar dos anos, no final da década de 1960, Sebastião Pompeu de Pina Sobrinho (Tãozico), reformou a casa e fez alteração na fachada colocando no estilo mais moderno que era usado naquela época.

Desde quando a poetisa Maria Eunice, fundou o Museu das Cavalhadas, na sua própria casa, ele continua lá até os dias de hoje.

Em 1992, a fundadora do Museu das Cavalhadas, introduziu um livro contendo cem páginas, com a finalidade de assinatura de cada pessoa que viesse visitar este pequeno Museu das Cavalhadas.

Figura 5: Fachada do Museu das Cavalhadas



Fonte: Acervo do Museu das Cavalhadas

Assim, no dia 13 de março de 1994, é possível identificar que o Museu das Cavalhadas recebeu visitantes da Rússia, sendo que eles deixaram uma mensagem para a poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas Maria Eunice registrada nas páginas do livro:

“Com grande prazer e interesse a gente conheceu uma tradição da Cavalhada de Pirenópolis. O trabalho de preservação as tradições e costumes é muito importante. Muito obrigado. Felicidade. Turistas de Moscou” (Rússia).

3.1 ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS DO MUSEU DAS CAVALHADAS

A Educação foi um dos importantes focos do Museu das Cavalhadas que passou a receber muitas Escolas de Goiânia, como a Escola Externato São José, que durante treze anos consecutivos visitou o Museu das Cavalhadas com turmas de alunos a cada ano, assim como a Escola Militar de Anápolis e outras escolas de

diversas cidades de Goiás. Também a Escola Marista de Brasília, e grupos de Escoteiros realizavam visitas frequentes ao Museu das Cavalhadas.

No ano de 1993, a poetisa Maria Eunice foi convidada a participar, com depoimento, no Documentário: “Divinas Marias”, produzido pela Universidade de Brasília (UnB), no qual retrata as diversas “Marias” (mulheres) que contribuem efetivamente com a participação nas manifestações folclóricas na Festa do Divino Espírito Santo.

No ano de 1997, no Museu das Cavalhadas, um museu-casa, a poetisa Maria Eunice recebeu a visita de várias autoridades como o Ministro das Comunicações Sérgio Motta, um Embaixador, o Diplomata Sérgio Amaral e várias autoridades em visita oficial à cidade, para recepcioná-los a poetisa Maria Eunice preparou uma encenação das Cavalhadinhas realizadas pelas crianças na porta do Museu, pois seu filho João Luiz (embaixador dos mouros) organizou a apresentação das Cavalhadinhas, porque era ele que ensaiava as crianças.

Depois de algum tempo a poetisa Maria Eunice, recebeu também no Museu das Cavalhadas, a visita da atriz Vera Fischer da Rede Globo, e a visita de vários cavaleiros de Cavalhadas de outras cidades do Estado de Goiás, como: Palmeiras de Goiás, Santa Cruz de Goiás, São Francisco de Goiás, e também os cavaleiros de outras Unidades Federativas como: Poconé (Mato Grosso), Franca (São Paulo), e também recebeu a Sra. Ana Maria Albuquerque Taveira, da Câmara Municipal de Ribeira Grande, na ilha de São Miguel Açores, Portugal.

Mas, em 2002, a poetisa Maria Eunice, já estava com dificuldade para enxergar, porém, mesmo assim ela continuou recebendo os visitantes no Museu das Cavalhadas e também continuou escrevendo suas poesias, e uma das últimas poesias que ela escreveu foi dedicada ao Museu das Cavalhadas:

O museu e eu

Ter um museu
Foi um grande sonho meu

O Museu das Cavalhadas
Todas as coisas coloridas
Na sala dependuradas
Com roupas bordadas
E também muito floridas

Mouros e Cristãos ensaiando
 Carlos Magno comandando
 Cavaleiros encenando
 Na arena degradeando

É a morte de um espião
 Em lutas emparelhadas
 São os Mouros e Cristãos
 No campo das cavalhadas

Tem batizado e perdão
 Jogos e despedida
 Com lenço branco na mão
 Choro, hora da partida.

A poesia o “Museu e Eu” demonstra o amor que a poetisa Maria Eunice tinha pelo Museu das Cavalhadas, sempre ela pedia aos seus filhos para que continuassem com o Museu, para não deixar que o Museu das Cavalhadas acabasse, porque o museu era como um filho para ela.

Então, a poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas Maria Eunice gostava sempre de usar a frase da Madre Tereza de Calcutá, “uma gotinha no oceano”.

Porém, no mês de março de 2005, a poetisa Maria Eunice, que já tinha problema de coração, adoeceu e não teve mais condição de atender no Museu das Cavalhadas. Portanto, eu que morava com ela, fiquei responsável pelo atendimento no Museu, mas no mês de novembro a doença foi agravando e a poetisa veio a óbito.

Porém, antes de sua morte a poetisa Maria Eunice, deu uma entrevista para a Gestora Cultural Ms. Flaviana Paula de Melo e Gestora Pedagógica Ms. Viviane Teles Ribeiro Pina, que tinha o desejo de ampliar o Museu das Cavalhadas, assim, depois de seu falecimento deu-se o início ao Programa Circuito Cavalhadas, com o Projeto Memorial Cavalhadas aprovado em seleção pública pela Petrobras Cultural em 2006/2007 e Ministério da Cultura em 2007 (PRONAC 069688), iniciado em janeiro de 2008, portanto este projeto trata-se da recuperação do acervo documental do Museu das Cavalhadas (MELLO; TELES, 2005).

O acervo do Centro de Documentação do Museu das Cavalhadas consiste em diversos materiais que estão organizados em três partes: o acervo bibliográfico, o documental e o iconográfico, conforme o Catálogo Museu das Cavalhadas: acervo bibliográfico e documental.

O acervo bibliográfico abrange temas relacionados à Festa do Divino, as Cavalhadas e à Cultura Pirenopolina. Estão disponíveis mais de 200 itens para consulta local, distribuídos em cartazes, folders, panfletos, trabalhos acadêmicos (monografia, dissertações e teses) e livros.

O acervo documental inclui documentos pessoais da fundadora do Museu como correspondência, jornais da época, registros de eventos festivos, religiosos e culturais ocorridos na cidade de Pirenópolis desde 1957. O acervo iconográfico contém fotografias e desenhos.

Desde 2006 o Museu das Cavalhadas faz parte do Cadastro Nacional de Museus, que foi promovido pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico, em parceria com o Ministério da Cultura da Espanha, por intermédio da Organização dos Estados Ibero-Americanos, e tem como objetivo conhecer e mapear a diversidade museológica brasileira.

Em 2007, o Museu das Cavalhadas foi convidado pela Presidência do Governo Comunidades – Direcção Regional de Açores, para participar da III Jornadas Emigração/Comunidades, na Ilha de Santa Cruz da Graciosa, Açores-Portugal, e esse convite foi através da Sra. Ana Maria Albuquerque Taveira, que esteve no Museu das Cavalhadas, no ano de 2004. Quem foi representando o Museu das Cavalhadas fui eu, que também fiquei responsável pelo Museu das Cavalhadas, e, continuo com o trabalho de preservação da memória de minha mãe e da cultura pirenopolina. Juntamente com a Gestora Cultural Flaviana Paula de Melo fizemos um trabalho de pesquisa sobre a Festa do Divino Espírito Santo e das manifestações folclórica da cidade de Pirenópolis. Assim, o Museu das Cavalhadas passou a fazer parte da Rede de Açores, promovida pela Direcção Regional de Açores/Portugal – Presidência de Governo Comunidades, em que há divulgação de todos os envolvidos, pelo portal: www.comunidadesacorianas.org.

Quando Célia Fátima de Pina foi representar o Museu das Cavalhadas em Açores-Portugal, ela levou um filme sobre a Festa do Divino Espírito Santo e das Cavalhadas, documentário sobre o Museu das Cavalhadas produzido pelo próprio Museu das Cavalhadas, miniaturas das Cavalhadas, que são réplicas dos cavaleiros das Cavalhadas de Pirenópolis, produzidos pela artista Lunildes de Oliveira Abreu, também levou as Máscaras que são usadas pelos mascarados durante a Festa do Divino Espírito Santos, feita pelo artista Lúcio Flávio Abrantes (Lucinho), e também flores que são confeccionadas de papel crepom, cartazes, folders e outros, daí,

começaram a despertar o interesse para montar um Museu das Cavalhadas, na Ribeira Grande, na Ilha de São Miguel, Açores – Portugal.

Em contrapartida, no ano de 2008, a Direção Regional das Comunidades Açores, mandaram para o Museu das Cavalhadas um chapéu da Cavallhada da Ribeira Grande, na Ilha de São Miguel, Açores – Portugal, material este que se encontra em exposição no Museu das Cavalhadas, juntamente com uma fotografia demonstrando o uso do chapéu nas Cavalhadas realizadas na Ilha de São Miguel em Açores.

A partir de 2008, o Museu das Cavalhadas passou a participar da programação e eventos nacionais promovidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) como: 4º Fórum Nacional de Museus (Brasília 2010), Semana Nacional de Museus (1º semestre, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012), e em 2013 o Museu das Cavalhadas também participou da 11ª Semana de Museus, que aconteceu entre os dias 13 e 19 de maio com o tema: Museus (memória + criatividade = mudança social), temática que visa convidar a comunidade a refletir, discutir e trocar experiência sobre Museus.

Durante a semana que comemorou a 11ª Semana de Museus, o Museu das Cavalhadas recebeu a visita dos alunos da 7ª série e 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Christóvam de Oliveira, que estavam acompanhados pelo professor João Guilherme Curado, e também recebeu a visita de turistas de várias cidades de Goiás e de outros Estados como: Brasília, Santa Catarina, Goiânia, São Luiz do Maranhão, Rio de Janeiro, La Paz (Bolívia) e outros.

Vale ressaltar que, desde 2011, o Professor e Doutor João Guilherme Curado, está participando junto com o Museu das Cavalhadas da programação da Semana do Museu e Primavera dos Museus, ministrando palestras sobre os temas das Semanas de Museus, para os alunos do Ensino Médio do Colégio Comendador Christóvam de Oliveira.

O Museu das Cavalhadas também participa da Primavera de Museus (2º semestre, 2009, 2010, 2011 e 2012).

Sendo que em 2011 o tema da 5ª Primavera dos Museus: foi “Mulheres, Museus e Memórias”. “Mulheres” que são representadas pela poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas Maria Eunice Pereira e Pina. “Museus” Museu das Cavalhadas, fundado pela poetisa Maria Eunice. “Memória” da poetisa e fundadora do Museu das Cavalhadas Maria Eunice, e também a memória das Cavalhadas,

pois, não tinha tema mais adequado para que o Museu das Cavalhadas pudesse comemorar a 5ª Primavera dos Museus.

Portanto, este ano também o Museu das Cavalhadas vai participar da 7ª Primavera dos Museus, que acontecerá entre os dias 23 e 29 de setembro, com o tema: Museus, Memória e Cultura Afro-Brasileira

O Museu das Cavalhadas é conhecido nacionalmente e internacionalmente porque recebe turista de vários países, e atualmente faz parte da Rede de Açores – Portugal, e também recebe turista de vários estados do Brasil, e inclusive, participou de vários Programas de Televisão como:

Museu Vivo (o Museu no seu todo) produção independente de Ângelo Lima, em 2008;

Programa Brasilidade sobre o tema Cavalhadas, história e acervo do Museu das Cavalhadas (TV Câmara) produtor Pedro Henrique Sassi de Almeida Santos, em 2010.

História do Brasil (Trabalho da EMBRATUR para divulgar o Brasil) produção Iluminati Filmes, 2012.

Em 2012, o Museu das Cavalhadas, recebeu um livro do Museu Casa da Xilogravura, de Campos do Jordão - SP é um Museu particular, cujo proprietário é Antônio Fernando Costella, pois, o Museu Casa da Xilogravura também é um museu-casa, e por coincidência o título do livro é “O Museu e Eu” (COSTELLA, 2012), o mesmo título da poesia da poetisa Maria Eunice, e fundadora do Museu das Cavalhadas. Será que é uma mera coincidência?

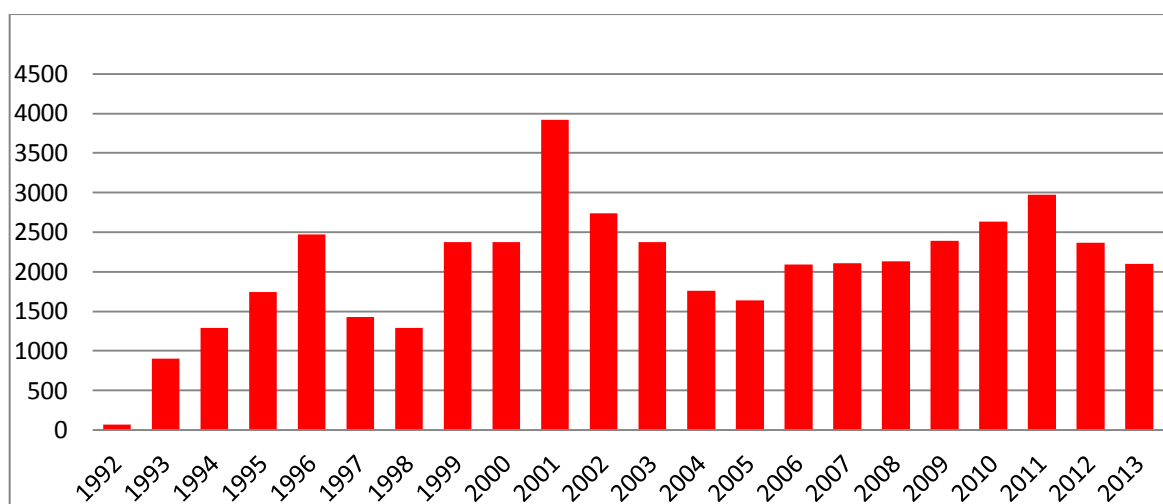
3.2 PESQUISA DE CAMPO NO MUSEU DAS CAVALHADAS

Uma das preocupações iniciais da pesquisa era justificar a importância do Museu das Cavalhadas no cenário turístico pirenopolino, uma vez que existem vários outros museus espalhados pelo município. Diante de tal questionamento nos deparamos com a falta de informação relativa ao número de visitantes na maioria dos demais atrativos similares.

Partindo desta deficiência é que propomos realizar um extenso estudo, via livros de visitantes do Museu das Cavalhadas, desde o início dos registros em 1992

até o presente ano com o intuito de quantificar as pessoas que ali deixaram seus registros de passagem. Tal tarefa foi demorada e cansativa, mas resultou em dois gráficos bastante significativos: o primeiro apresenta um panorama geral, com recorte entre 1992 a 2013 (mesmo com os dados ainda incompletos e referentes até o mês de setembro do corrente) e outro, com recorte temporal dos últimos três anos completos, mas divididos mensalmente, o que proporciona uma visibilidade da dinâmica de visitação durante os meses. O que pode futuramente auxiliar em programas educacionais a serem desenvolvidos.

Figura 6: Gráfico de Visitantes no Museu das Cavalhadas: 1992 a 2013

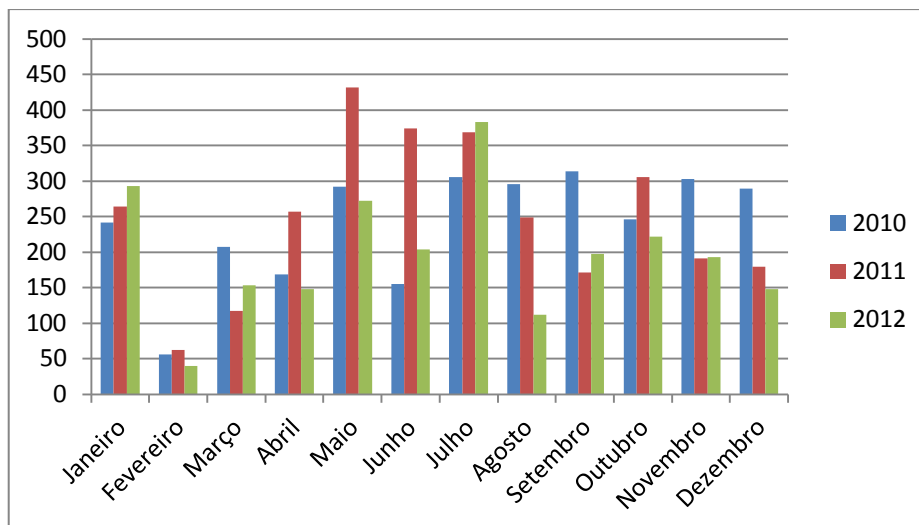


Fonte: Livros de Visitação Museu das Cavalhadas, 1992-2013.

Como pode ser observado houve variações pontuais, mas a média geral, em cerca de 2000 visitantes/ano predomina. Dois anos em que a visitação regrediu, 1997/1998, pode ser explicada pela atuação de Maria Eunice enquanto Primeira Dama de Pirenópolis, em que pouco tempo restava para que ela se dedicasse à abertura do Museu das Cavalhadas ao público.

Outro ponto que merece menção foi a partir de 2012, quando, cursando o segundo ano do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, intensificaram as visitas técnicas, o que acarretou a minha ausência no recebimento de turistas ao Museu.

Em perspectiva mais reduzida, há a possibilidade de compreender parte da dinâmica anual dos visitantes do Museu das Cavalhadas, como aponta o intervalo mensal entre os anos de 2010 a 2012:

Figura 7: Gráfico de Visitantes mensais no Museu das Cavalhadas: 2010 a 2012

Fonte: Livros de Visitação Museu das Cavalhadas, 2010-2012.

O trabalho de campo propriamente dito contou com a produção de formulários a serem aplicados junto a estudantes, moradores de Pirenópolis e também com turistas ou visitantes que passassem pelo Museu das Cavalhadas durante as comemorações oficiais da 11ª Semana de Museus: Museus (memória + criatividade) = mudança social que foi promovida pelo Instituto Brasileiro de Museu (IBRAM), do qual, como já mencionado o Museu das Cavalhadas faz parte e integra o caderno de programações.

Para se obter uma visão panorâmica dos visitantes, estudantes ou turistas, elaborou-se um formulário contendo a indicação de gênero, idade, escolaridade e local de residência. Foram dez os formulários aplicados aos turistas; enquanto os estudantes foram divididos em dois blocos: duas turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, com respectivos 55 (28 e outra com 27 estudantes) e 14 formulários respondidos pelos alunos do Colégio Estadual Comendador Christóvam de Oliveira, um parceiro das Semanas do Museu junto ao Museu das Cavalhadas.

As tabulações dos dados seguiram as orientações de Ludwig (2009) e foram condensados de maneira a não criar gráficos ilustrativos que acabam cansativos, dificultando uma leitura mais atenta.

Os estudantes do 7º ano “A” do Colégio Estadual Comendador Christóvam de Oliveira, possuíam à época da visita idades entre 11 e 16 anos, sendo que 50% tinham 12 anos. Em relação ao gênero participaram da visita 16 meninos e 12 meninas. De todos eles apenas 4 moram em fazendas ou povoado e 71,60% não

visitou nenhum museu nos últimos doze meses. Dentre as razões para não ter ido a um museu houve predominância da “falta de oportunidade”. Quando perguntados sobre quando visitaram o Museu das Cavalhadas apenas quatro deles já o tinham feito em outra ocasião. O conhecimento sobre o Museu das Cavalhadas foi repassado pela Unidade Escolar, mais especificamente pelos professores.

A visita com a turma durou em média trinta minutos e foi conduzida pela diretora do Museu das Cavalhadas. Ao final ao serem indagados se voltariam ao Museu das Cavalhadas perto de 70% disseram que sim.

A décima questão do formulário sugere a utilização do verso do papel para destacar o espaço e o acervo do Museu das Cavalhadas, no que foram tecidos muitos elogios, inclusive como alternativa de conhecimento sobre a Festa do Divino, e pelo fato de ser uma atividade inédita para muitos deles.

Já os alunos do 7º ano “B”, onze meninos e dezesseis meninas, possuem entre 11 e 14 anos, sendo 74% deles com 12 anos no período da pesquisa. Moram todos eles em Pirenópolis, sendo apenas um residente no centro histórico. Referente a visita a museus nos últimos doze meses apenas três passaram por dois outros museus locais, enquanto 88,80% não visitaram nenhum museu no período anterior de um ano. 48,70% desconheciam a existência do Museu das Cavalhadas e os demais o conheciam, principalmente pelas informações da Unidade Escolar. Indagados se voltarão ao Museu das Cavalhadas em outra oportunidade 22,40% disseram não, mas não justificaram suas respostas, enquanto os demais voltarão não só com a escola, mas em outras oportunidades.

Foram onze os alunos e três as alunas do Ensino Médio do Colégio Comendador Christóvam de Oliveira que visitaram o Museu das Cavalhadas durante a 11ª Semana do Museu, dos quais 57,14% possuíam 17 anos de idade. Dois deles moravam em fazendas e apenas 28,60% residiam no centro histórico. Enquanto 78,58% não visitaram museus nos últimos doze meses, 21,42% foram a algum estabelecimento do tipo. As dificuldades em visitar um museu, segundo eles pautam na falta de interesse, de acordo com 50% dos jovens entrevistados. Deste universo apenas 28,60% nunca tinham visitado o Museu das Cavalhadas. A metade deles ficou sabendo do Museu das Cavalhadas pela escola, mas 21,44% teve tal conhecimento passando em frente ao Museu. Os interesses da visita foram diversos, mas podem ser condensados nas seguintes opiniões: conhecer um pouco mais sobre a Festa do Divino (57,15%); acrescentar conhecimentos (28,57%) e interesse

cultural (14,28%). Perguntados se voltariam ao Museu das Cavalhadas todos eles disseram que sim e justificaram suas respostas.

Dentre os dez visitantes, quatro eram homens e seis eram as mulheres, com faixa etária predominante na casa dos vinte anos, com exceções de dois que continham: 12 e 63 anos. 70% deles possuíam formação superior completa, 20% pós-graduação e apenas o adolescente estava no Ensino Fundamental.

Em relação à origem, 40% eram de Goiânia, sendo que houve visitas de pessoas das demais localidades: Pirenópolis, Brasília, Santa Catarina, São Luiz do Maranhão, Rio de Janeiro e La Paz (Bolívia). O que demonstra a diversidade do público que procura o Museu das Cavalhadas, mesmo em curto espaço de tempo como, por exemplo: na realização da 11ª Semana de Museu.

Apenas 10% dos que por ali passaram não tinham visitado outros museus no último ano. 70% do total visitavam o Museu das Cavalhadas pela primeira vez, tomando conhecimento da existência por maneiras diversas. O tempo médio de visita não diferiu das visitas guiadas realizadas para estudante, ficando em aproximadamente trinta minutos. Todos eles apontaram que pretendem voltar ao Museu das Cavalhadas quando possível for.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o levantamento da parte histórica do Museu das Cavalhadas foi possível constatar que o museu é importante para a cidade de Pirenópolis, porque ele guarda parte da memória das Cavalhadas. Portanto, o objetivo geral deste trabalho foi procurar conhecer o perfil dos visitantes, turistas e comunidade local que visitam o Museu das Cavalhadas.

Para isto, foi feito um levantamento dos livros de assinatura, desde o primeiro livro que data do ano de 1992 até 14 de setembro de 2013. Com os resultados obtidos neste trabalho foi possível concluir que o Museu das Cavalhadas recebe visitantes de várias partes do Brasil e também de outros países.

Assim, durante a realização das pesquisas foi possível concluir que a comunidade local e os cavaleiros da cavalcada de Pirenópolis, não visitam o Museu das Cavalhadas. Portanto, para reverter este resultado é preciso trabalhar mais na divulgação e também na parte de marketing, para conscientizar os moradores da importância do Museu das Cavalhadas para a cidade de Pirenópolis, porque ele divulga a festa do Divino Espírito Santo e as Cavalhadas durante o ano todo.

No decorrer da análise do trabalho foi aplicado um formulário no levantamento de opiniões do público que frequenta o Museu das Cavalhadas, como: turistas, visitantes e alunos da rede pública estadual de educação de Pirenópolis, para saber os motivos que os levaram para esta visita e também para avaliar o que acharam do Museu das Cavalhadas.

Essa pesquisa vai contribuir para que o Museu das Cavalhadas possa desenvolver ações educativas e culturais, assim, poder inserir cada vez mais o Museu das Cavalhadas no contexto cultural de Pirenópolis.

Enfim, este trabalho é importante porque mostra a história do Museu das Cavalhadas, desde a sua criação até os dias de hoje, com toda sua trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO DO MUSEU DAS CAVALHADAS. Pastas Diversas.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas/SP: Papirus, 2000. 96p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalhadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de mouro se cristãos em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974. 180p.

Catálogo Museu das Cavalhadas: **Acervo bibliográfico e documental**. Cidade de Goiás/Associação Casa de Cora Coralina, 2008. 60p.

COSTELLA, Antonio F. **O Museu e eu**: história sentimental do Museu Casa de Xilogravura. Campos do Jordão/SP: Editora Mantiqueira, 2012. 109p.

CURADO, Glória Grace. **Pirenópolis, uma cidade para o turismo**. Goiânia: Oriente, 1980. 176p.

GALLI, Ubirajara. **A história da hotelaria em Goiás**: dos pousos dos bandeirantes ao século XXI. Goiânia: UCG/Contato Comunicação, 2005. 120p.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. Turismo e museus: um potencial a explorar. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto, 2000. pp. 27-34.

http://www.letras.azmusica.com.br/S/letras_samba_enredo_2008_72622/letras_otras_47924/letra_caprichosos_de_pilares_-_samba_enredo_2001_1585871.html. Acesso em 20/05/2013).

<http://www.acamportinari.org/acm.portinari>. Acesso em 03/07/2013.

<http://www.casadaxilogravura.com.br>. Acesso em 10/07/2013.

<http://www.cultura.mg.gov.br>. Acesso em 15/07/2013.

<http://www.cultura.rj.gov.br>. Acesso em 20/07/2013.

<http://www.goiania.go.gov.br>. Acesso em 25/07/2013.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sizenando. **Casas de Pirenópolis**: casas de Deus e casas dos Mortos. Goiânia: UCG, 2002. Vol. I. 121p; Vol II. 316p.

JORNAL NOVA ERA. Pirenópolis – Coleção Museu das Cavalhadas.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas/SP: Papirus, 2005.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e práticas de metodologia científica**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. 124p.

MELO, Flaviana Paula de; TELES, Viviane Ribeiro Pina. Projeto Memorial das Cavalcadas – Petrobrás Cultural, 2005.

_____. Relatório Projeto Memorial das Cavalcadas – Petrobrás Cultural, 2008.

PINA, Maria Eunice Pereira e. **Devaneios de uma pirenopolina**. Goiânia: Kelps, 1993. 189p.

PINNA, Giovanni. "Introduction to Historic House Museums". Museum Internacional, Abril- Junho 2001, Vol.Nº 53, nº 2, Paris, UNESCO, pp.4-9

PONTE, Antônio Manuel Torres. **Casas-Museus em Portugal**: teorias e prática. Faculdade de letras de Ciências e técnica do patrimônio: Universidade do Porto, 2007. (Mestrado em Patrimônio).

RANGEL, Aparecida M. S. Vida e morte no museu-casa. In: **Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: Iphan, n. 3, 2007. pp. 79-84.

SILVA, Fernanda adamski da. Já faz parte da alma da criança: as Cavalcadinhas de pirenópolis - reinventando uma tradição. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Folclore**. Goiânia: Kelps/Unesco/Comissão Goiana de Folclore, 2004. pp. 321-335.

SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino**: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: Agepel, 2001. 229p.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. Maré: casa e museu, lugar de memória. In: **Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: Iphan, n. 3, 2007. pp. 153-160.

www.comunidadesacorianas.org